XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

REFLEXÕES ACERCA DA CORPOREIDADE DAS ALUNAS SURDAS

Jaqueline Reni Loss de Mesquita
Carla dos Reis Rezer
UNOCHAPECÓ

RESUMO

O estudo objetivou analisar como se manifesta a corporeidade do aluno surdo, através da concepção de corpo, das relações estabelecidas entre corpos ouvintes. A amostra foi composta por alunos surdos e ouvintes do ensino médio da rede estadual de ensino de Chapecó, SC. O instrumento utilizado foi o Grupo Focal, com a possibilidade de qualificar e descrever as opiniões sobre corpo, sobre a participação nas aulas de Educação Física(EF) e as relações entre surdos e ouvintes. A partir das narrativas surgiram as categorias de análise sendo estas corpo, relações corporais e relações com o corpo ouvinte. Percebeu-se que as concepções estão relacionadas ao que se identificou como "corpo diferente", enquanto característica humana e que estes não veem a surdez como deficiência. Verificou-se que a corporeidade destas alunas, neste momento, não está sendo explorado em todas as possibilidades, ficando limitada a falta de comunicação pela língua, em alguns momentos pelo não posicionamento do professor de EF e mesmo pelas alunas, por acreditarem não poder participar das aulas ou não quererem participar. Percebeu-se a necessidade de uma reflexão sobre a corporeidade dos sujeitos surdos, a qual se estrutura na dificuldade e na falta de informações, deixando de experienciar possibilidades infinitas de movimento corporal.

***Palavras chave**: Corpo-surdo, corpo-ouvinte, educação física, corporeidade.*

RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo analizar cómo se manifiesta la encarnación de los estudiantes sordos a través del diseño del cuerpo, las relaciones entre los oyentes cuerpos. La muestra estuvo compuesta por los estudiantes sordos y oyentes de Estado Chapecó la escuela de las escuelas, SC. El instrumento utilizado fue un grupo de enfoque con la oportunidad de calificar y describir las opiniones acerca del cuerpo, sobre la participación en la educación física (PE) y las relaciones entre sordos y oyentes. De los maestros llegaron a las categorías de análisis y los organismos citados, las relaciones del cuerpo y las relaciones con el oyente cuerpo. Se consideró que los conceptos están relacionados con lo que se identifica como "cuerpo diferente", mientras característica humana y no ven la sordera como una discapacidad. Se encontró que la incorporación de estos estudiantes, esto no está siendo explotada por todos los medios posibles, siendo limitada por la falta de un lenguaje de comunicación, a veces por no colocar el maestro de educación física e incluso por los estudiantes, creyendo que no pueden participar la escuela o no querer participar. Se dio cuenta de la necesidad de reflexionar sobre la corporalidad de

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

los sordos, que se estructura sobre la dificultad y la falta de información, en su defecto a experimentar las infinitas posibilidades del movimiento corporal.

***Palabras clave**: Cuerpo-sordo, el cuerpo escucha, la educación física, corporeidad*

ABSTRACT

The study aimed to analyze how it manifests itself the embodiment of deaf students throughconception of the body, the relations between bodies listeners. The sample was composed of deaf and hearing students of the school's state schools Chapecó, SC. The instrument used was a Focus Group with the opportunity to qualify and describe opinions about body, on participation in physical education (PE) and relationships between deaf and hearing. From the teachers came the categories of analysis and these bodies, body relations and relations with the body hearer. It was felt that the concepts are related to what is identified as "different body", while human characteristic and they do not see deafness as a disability. It was found that the embodiment of these students, this is not currently being exploited in every possible way, being limited by the lack of communication language, sometimes by not positioning the PE teacher and even by the students, believing it can not participate school or not wanting to participate. Realized the need for reflection on the corporeality of the deaf, which is structured on the difficulty and lack of information failing to experience the endless possibilities of bodily movement.

***Keywords**: Body-deaf, body-listener, physical education, corporeality.*

INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou contemplar o seguinte objetivo: analisar como se manifesta a corporeidade do aluno surdo. Para auxiliar o seu desenvolvimento foram elencados como objetivos específicos: verificar a concepção de corpo dos sujeitos surdos; identificar como se estabelece a relação corporal entre os sujeitos surdos nas aulas de Educação Física (EF).

Assim, "[...] a educação de surdos deve possibilitar ao surdo o usufruto de seu direito de aprender em igualdade de condições que para ser 'igual' é preciso antes, *ser* diferente" (FCEE, 2004, p. 12). Falar sobre surdez nos dias atuais e sobre as relações de poderes e saberes ficou de certa maneira mais tranqüilo, pois nos últimos 20 anos no Brasil inúmeras conquistas ocorreram para a comunidade surda, especialmente em relação às conquistas no seu reconhecimento político enquanto diferença. Conseguem com suas lutas interferir nos discursos oficiais e governamentais, o que representa alguma mudança. Mas essas não estão garantidas e permanentes, pois nada se garante na sociedade moderna e disciplinar. Por isso, faz-se necessário o aprofundamento epistemológico da problemática. Essas reflexões podem eventualmente orientar algumas ações concretas no cotidiano e no tempo presente dessas comunidades e da própria sociedade.

A corporeidade deve ser entendida como o modo de ser próprio do homem, com todas as suas dimensões e singularidades. A corporeidade e o movimento implicam uma atuação e ação intencional sobre o homem, como ser corpóreo e motriz, e que pela prática se transforma numa relação de reciprocidade.

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Através da escola e das aulas de EF,

> [...] verifica-se um dos importantes espaços de transição e mediação entre a vida privada e a vida pública, entre a individualidade e a coletividade, entre o velho e o novo. [...] a educação física tem sido considerada no contexto brasileiro, [...] como uma prática sócio-cultural importante para o processo de construção da cidadania dos indivíduos. [...] a educação física, enquanto disciplina curricular de socialização da cultura corporal reúne um rico patrimônio cultural tanto de dimensão universal (esportes e ginásticas institucionalizadas, etc.), quanto particular (jogo e brincadeiras populares, esportes locais, etc.) (PALMA, 2004, p. 76).

Desta forma a EF influencia a formação do ser humano através de códigos, sentidos, significados e valores, como prática social que a partir da reflexão sobre cultura corporal aumenta seus conhecimentos e habilidades.

TRAJETORIA METODOLÓGICA

A pesquisa definiu como população alunos surdos e ouvintes do ensino médio da rede estadual de ensino do município de Chapecó/SC. Destes a amostra, intencional devido à necessidade das características de surdez, ficou em quatro alunas surdas com idade entre 17 e 20 anos, do gênero feminino, e os alunos ouvintes da mesma turma. A pesquisa foi desenvolvida através do *Grupo Focal*, como uma estratégia de coletar dados de forma qualitativa, que foram posteriormente descritos e discutidos. Segundo Charlesworth e Rodwell (apud MARTINS et all, 2001), o GF é utilizado em delineamento de pesquisas que consideram a visão dos participantes em relação a uma experiência ou evento. Busca-se obter a compreensão de seus participantes em relação a algum tema, através de suas próprias palavras e comportamentos. Fizeram parte do grupo focal apenas as alunas surdas

Uma vez conduzido o grupo, o material obtido foi transcrito com tópicos específicos: corpo, relações corporais e relações com o corpo ouvinte. Como instrumentos de coleta de dados além do grupo focal foi utilizada também observações das aulas de EF. Foram realizadas três observações, seguindo uma pauta em que fossem observados alunos surdos e ouvintes, e suas relações.

A VISÃO DOS PARTICIPANTES

A partir das falas no grupo, com o intuito de organizar os encontros, discutir o tema "corporeidade" e explorar ideias sobre a palavra chave foi lançada a pergunta: *Qual é conceito de corpo para cada uma de vocês?* Aos poucos foi surgindo opiniões como dualismo dos corpos enquanto "ser" e "pensar" "corpo físico" e "conhecimento"; transformações e suas dificuldades. Podemos observar estas ideias nas colocações das alunas:

> *Parece desenvolver crescer. Conseguir força osso, exercícios no corpo. Também desenvolver usar pensamento para cérebro desenvolver. (aluna 01)*

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

> *Sentir mudar-osso maior, sangue mudar. Também trabalhar, caminhar passear. Bom, encontrar saúde, feliz, ver sentir bem usar pensamento. (aluna 02)*

Vê-se ainda na colocação das alunas uma visão que possui vestígios da cultura ocidental e alguns filósofos, que falavam do corpo humano como tendo duas unidades distintas: o corpo (físico) e a alma (espiritual). Para este pensamento a alma é que deveria controlar os desejos para as pessoas terem um comportamento moral adequado. E elas apresentam este conceito como normal por não terem acesso a outras teorias de corpo. .

Podem-se registrar as ideias de estética corporal, cuidados com o corpo em relação à saúde, as transformações que o corpo passa (crescimento, maturação), falta de informações sobre as fases da vida, pois elas relatam que quando viram já não eram mais crianças e não sabiam o que fazer com seus corpos. Sabiam que eram jovens, mas a falta de comunicação com familiares e outros grupos sociais como escola, fizeram com que fossem se acostumando, sem saber bem o porquê das coisas acontecerem desta forma.

> *Passado normal, corpo desenvolver mudar, sentir diferente crescer rápido parece (Aluna 1).*
>
> *Desenvolver muito rápida, já velha cuidada, envelhece muito rápido. Sentir rápido já trabalhar, já estudar, crescer rápido (Aluna 2).*
>
> *Passado pequena, brincar, brincar. Depois crescer. Às vezes já grande dormir muito- pessoas dizer não dormir; [pensar eu] mudar? (Aluna 3).*
>
> *Sentimento diferente após menarca, antes passado normal, depois nossa sentimentos confusos, vontade sexo namorar (Aluna 1).*

Percebe-se nas falas a não preparação para as mudanças que ocorrem na adolescência, não conseguindo entender as transformações, faltava-lhes a informação. O corpo tem sua dinâmica própria, que se expressa no seu desenvolvimento. Ele não é estático, ao contrário, o corpo se constrói ao longo da vida, e de forma dinâmica vai se organizando.

Afirma Bretherat (apud SOTER, 2005):

> Desde que nascemos nosso corpo passa por tantas transformações, que já não reconhecemos nele o corpo da criança, dos adolescentes. Não fomos, porém, perdendo cada um desses corpos para chegar ao nosso corpo atual [...]. Continuamos com o mesmo coro, acumulação de todas as nossas experiências. Ao tocar o corpo de um ser, tem-se em mãos a sua vida e todo o seu passado (p. 270).

Em relação ao ambiente familiar relatamos a fala de uma das alunas, em que marca a não-aceitação da surdez e a busca pela cura do corpo doente/deficiente.

> *Eu pequena mãe trocar médico, procurar, procurar buscar fono, trabalho intenso*

> *para eu falar oral. Depois mais ou menos 12 anos parar trabalho fono. Hoje eu oralizar, mas família não conhecer libras. Eles conversar, rir, parecer feliz. Eu querer participar não conseguir eles falar muito rápido eu ficar sentada olhando. Sinto em casa eu só, sozinha ninguém me diz nada. (Aluna 2)*

Observa-se aqui o isolamento no grupo em que está integrada enquanto pessoa, membro da família, ficando claro que não consegue participar dessa estrutura por faltar comunicação entre as partes. Podemos observar a busca da família pela cura do corpo deficiente através de reabilitação, não havendo possibilidade de "troca", o corpo considerado "doente" por ser surdo, hoje a filha consegue oralizar, mas a família limita-se a língua oral, sem utilizar a língua de sinais com a filha que é surda.

Os corpos considerados "normais", por serem ouvintes, nesta situação apresentam-se limitados e tornam-se neste momento de interação corpos deficientes, pois não conseguem se comunicar com o corpo surdo de forma mais intensa. Neste exemplo, vê-se a história se repetindo onde a hegemonia dos corpos ouvintes desconsidera a importância de aprender a língua de sinais dos surdos, na necessidade de comunicar-se com os surdos, sendo este membro de sua família.

Também identificamos nas falas a questão da diversidade corporal, numa perspectiva mais ampla, ou seja, da diferença enquanto característica humana, que se apresentaram pela diversidade corporal que envolve todos os corpos, independente de suas condições, e a comunicação em relação à língua falada. Sendo colocadas as diferenças como próprias de cada ser humano, sejam elas: pela raça, condição social ou credo. Apresentaram-se também preocupações com a estética do corpo, cuidado que se deve ter com o corpo:

> *Devemos cuidar do corpo sempre bonito. (Aluna 1)*
>
> *Percebo jeito pessoas não podem preconceito pobre, surdo, todos mundo diferente. (Aluna 1)*
>
> *Pessoas diferentes, corpo também diferente (Aluna 2)*
>
> *Corpos iguais, diferenças ouvido surdo e língua de sinais (Aluna 3).*
>
> *Percebo diferença do jeito das pessoas, pensar, sentir, comunicação (Aluna 3)*

A diferença/singularidade dos corpos está na ideia de "elaboração" da subjetividade, é troca, relação e construção dos corpos na sua mais ampla dimensão. As diferenças constituem grande desafio nas relações interpessoais, que passam pelo corpo e dialogam com a realidade corporalizada e com a imagem corporal, a consciência de si, que se corporaliza na existência subjetiva de cada ser humano (PORTO, 2006).

Ao falar das comunicações nos grupos sociais foram unânimes em afirmar que quando crianças era mais fácil, durante as brincadeiras utilizavam vários sinais, sinais caseiros, apontavam, desenhavam. Para Silva et all (2000), o movimento corporal é baseado na estrutura fisiológica, os aspectos comunicativos deste comportamento são padronizados pela experiência social e cultural. O significado de tal comportamento não é tão simples que possa ser colocado num glossário de gestos. A linguagem corporal é uma forma de expressar através do corpo emoções, sentimentos, reações e por meio disto

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

transmitir mensagens.

Nas opiniões das alunas, ficam evidentes suas dificuldades na fase adulta, onde há certo distanciamento dos ouvintes, seja na escola ou própria família. Relatam que muitos ouvintes mesmo em contato diário não se interessam em conhecer os surdos, seus costumes, sua comunicação. Nas relações familiares relatam ser difícil entender conceitos e muitas vezes passam sem saber o que acontece. Não conseguem participar ativamente de reuniões familiares, caso alguém não saiba língua de sinais. Se a escola não oferece intérprete, não há condições de aquisição do conhecimento científico.

Almeida (apud LORENZINI, 2004) coloca:

> Surdos e ouvintes têm línguas diferentes, mas podem viver numa mesma comunidade desde que haja um esforço mútuo de aproximação pelo conhecimento das duas línguas, tanto dos ouvintes como por parte dos surdos (p. 40).

As pessoas que não conhecem a língua se limitam a pensar que não há outra forma de comunicação com esses sujeitos surdos. Em função desses relatos, podemos apontar a importância do aprimoramento da qualidade de ensino, bem como o desenvolvimento por parte da comunidade escolar das peculiaridades lingüísticas e culturais do surdo.

> *Algumas pessoas não conhecer cultura surda, por isso eles se sentem diferente, não conseguem se comunicar com surdo ou tem preconceito. (Aluna 2)*

Aqui se podem explorar novamente as diferenças dos corpos ou a "deficiência dos corpos ouvintes" em não conseguirem se comunicar, ficando limitados à língua oral auditiva.

> *Família acontece mais ou menos comunicação pai e mãe, irmão legal sinalizar sempre perguntar para ele. (aluna 1)*
>
> *Vem visita casa eles dizer vem. Ir não entender nada, nada conversar só oral.(Aluna 3)*
>
> *Escolas se cumprimentam um para cada lado. (Aluna 4)*

O corpo, em contato com outros corpos, utiliza-se de comunicação variada e corpórea, como gestos, mímicas, olhares, comunicações corporais. Então, os movimentos corporais não são simplesmente mecânicos e sim impregnados de intencionalidades e expressividades que nos remetem à interioridade do sujeito.

Kunz (1994, p.73), ao falar de movimento, cita:

> Um 'se movimentar' portanto [...] o sujeito que se movimenta é realizado e o significado ou sentido relacionado ao movimento [...] o movimento humano trata-se sempre de uma 'compreensão-de-mundo-pela-ação'. Nosso mundo é sempre um mundo vivido, que se vive e, por isto, o movimento que realizamos não pode ser entendido como uma simples relação a estímulos e em conseqüência de determinadas forças ou energias. Movimento é sempre uma conduta para algo. Neste sentido o movimento passa a ser visto como 'um diálogo entre Homem e Mundo'.

Pode-se pensar nos corpos traduzindo características sensíveis, biológicas, sociais, culturais. Estas e outras possibilidades são o que diferencia os seres humanos de outros seres vivos, pois estes se

apresentam de forma complexa, sendo capazes de substituir e adaptar-se às mais diversas situações de vida.

Eu já sei ele não me conhece já acostumar. (Aluna 2)

Esta fala apresenta "certa" comodidade por parte da aluna surda em aceitar a realidade construída socialmente em relação ao surdo diferente do ouvinte.

Porém, ao observarmos as alunas, evidenciamos a não participação efetiva nas aulas; se elas não participam de forma efetiva, como poderão explorar todas as possibilidades de movimento ressignificando o movimento para o "se-movimentar?

Assim, a EF necessita trabalhar o corpo/corporeidade, buscando a compreensão de corpo com os corpos ouvintes e corpos surdos, valendo-se de que o aluno não descobre e não desenvolve experiência sozinho, mas com o outro na sua totalidade (KUNZ, 1994). Há a necessidade de participação do professor, dos colegas e o querer participar do sujeito surdo, para superar barreiras do medo, da insegurança e da falta de habilidades do se-movimentar em toda sua amplitude e significação. O professor precisa valer-se de estratégias didáticas e de comunicação para as interações dos alunos, o trabalho coletivo e que o mesmo contribua para a formação corpórea dos alunos enquanto sujeitos sociais.

É de entendimento dos profissionais da área a necessidade da adequação dos conhecimentos, elaborando estratégias de intervenção, interação e atuação para alcançar a efetividade da inclusão.

Na busca pelo conhecimento, ficará claro (ou não) ao professor que alguns alunos não se beneficiam das aulas se apresentadas da maneira convencional. Sendo assim, há a necessidade de adaptações, não apenas física, mas metodológica e na postura destes profissionais. Neste sentido, a EF trabalhará com a diversidade, e nesta perspectiva com a *corporeidade dos sujeitos, elementos vivos e autores da história*.

ARTICULAÇÕES FINAIS

Quando se fala que alguém é surdo, busca-se na história significados construídos socialmente para entender como estes sujeitos se apresentam para as outras pessoas.

Observaram-se durante os encontros, alguns estigmas presentes em seus conceitos sobre corpo: "corpo-conhecido", "corpo-desconhecido", "corpo-sujeito", "corpo-objeto", "corpo-social", "corpo-deficiência", "corpo-perfeito" "corpo-físico", "corpo-pensamento". Constatou-se junto ao grupo de alunas o conceito de dualidade dos corpos e a concepção de corpo esteticamente ideal/perfeito/bonito.

Percebeu-se que as concepções estão em sua maioria relacionadas ao que se identificou como "corpo diferente", enquanto característica humana e não veem a surdez como deficiência. Esta concepção oferece possibilidades de olhar para o corpo com surdez e ver as capacidades da pessoa que é este corpo.

Evidenciamos que as alunas mostram-se distantes dos ouvintes pela falta da comunicação restrita à língua, não conseguindo manter uma comunicação mais direta em relação aos seus corpos. No caso destas alunas, elas apresentam a dificuldade de comunicação com a família, agravando-se na escola e em outras situações de vida diária por não conseguirem ouvir. Sendo assim, elas não têm a informação direta nem indiretamente, interferindo na sua construção corpórea, limitando-se a um projeto de corpo que copiam do ouvinte, mas não podemos negar que há uma construção corporal individual baseada em suas

experiências, referências e subjetividades. Em colocações feitas por uma aluna surda, observou-se claramente a ideia de trocar de corpo, não sabendo se ser ouvinte é bom ou ser surdo é bom, apresentando a ideia de que um pode ser melhor do que o outro.

A falta de construção de uma linguagem corporal através das infinitas possibilidades do movimento revela que as alunas não veem o corpo como unidade que experiencia a vida, que formula conceitos, que leva à corporeidade, que se dá na intensa participação do corpo pelo movimento e comunicação; e que esta comunicação através da linguagem articula os sentidos, e o sentido diz respeito ao homem como uma totalidade. Acredita-se que estas alunas surdas estão com dificuldades de uma elaboração corpórea mais ampla por falta de comunicação.

Sentiu-se a necessidade de repensar o corpo enquanto corporeidade, buscando caminhos para uma construção pela compreensão do corpo que tenha como objetivo, superar esta realidade, que pensa como instrumento, máquina e mercadoria estética de aceitação social.

Assim a EF, no papel do professor deste contexto, apresenta necessidade de reorganização na perspectiva de trabalho com os alunos surdos e de como vê esses alunos. Deve-se observar os alunos como sendo corpos. Corpos que trazem uma produção histórica e que em cada situação de movimento têm intencionalidade e significado.

Pode-se dizer que a corporeidade destas alunas, *neste momento único de suas vidas*, não está sendo explorada em todas as possibilidades, ficando limitado na falta de comunicação pela língua, em alguns momentos pelo não posicionamento do professor de EF e mesmo pelas alunas, por acreditarem não poderem participar das aulas ou não quererem participar. Ficando em segundo plano o direito de expressarem sentimentos mais profundos, por sentirem-se diferentes em algumas situações e em outras situações não saberem em quem confiar. A corporeidade delas, suas manifestações corpóreas se diferenciaram, dependendo em cada caso das relações que conseguiram consolidar ou não, com os corpos ouvintes, com os corpos surdos, ou consigo mesmas. Assim como todos os sujeitos sociais, as alunas surdas constroem sua história corporal, que não é melhor ou pior que as demais, mas sim diferente.

Visando a responder a questão da pesquisa sobre a corporeidade, a ideia discutida está permeada de subjetividade, as alunas mostraram-se em sua totalidade corpórea, através do movimento que para elas, além de linguagem corporal, é língua.

Na tentativa de uma reflexão teórica a respeito da corporeidade, pode-se traduzir que esta é expressividade, **a corporeidade** que é presença, que é fala, que é linguagem corporal, que é movimento humano, que é subjetividade, que é comunicação, poderíamos resumir a corporeidade como uma fascinante aventura... que é viver!

REFERÊNCIAS:

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL(FCEE). 2004. Disponível em: http/www.sc.gov.br/webfcee/. Acesso em: 12/12/2005.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí(RS): Editora UNIJUÍ, 1994.

LORENZINI, Nydia Mara Pinheiro.Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental.**Dissertação de Mestrado, 2004.**UFSC. Programa de Pós Graduação

Científica e Tecnológica.Florianópolis: UFSC,2004.

MARTINS C, Antonio; FERRONATO, M.S. Simões, A. MURANTE, V., COSTA, F. & KOLLER S.H. (2001). **Grupo Focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco.** Arquivo Brasileiro de Psicologia, 53(2), 38-53.

PALMA, Luciana. E. Comunicação: fundamento para a mediação pedagógica em educação física para alunos com necessidades educacionais especiais. **Tese,2004. Curso de pós-graduação em Ciências do Movimento Humano.** Santa Maria(RS): UFSM, 2004.

PORTO, Eliane. **A corporeidade do cego: novos olhares**. Piracicaba/São Paulo: Editora UNIMEP/Memnon,2005.

SILVA, Maria Júlia Paes da; BRASIL, Virginia Visconde; QUATRINI Heloísa Cristina; GUIMARÃES, Carvalho Passos; SANONITTI, Beatriz Helena Ramos de Almeida. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. **Rev. latino-am. Enfermagem.** Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52-58, ago. 2000.

SOTER. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. **Corporeidade e Teologia.** São Paulo: Paulinas, 2005.

Jaqueline Reni Loss de Mesquita
End. Attilio Fontana 581 E - EFAPI
UNOCHAPECÓ – Chapecó/SC
Email: jkl@unochapeco.edu.br